Educação Física no Brasil e o encontro com a filosofia da diferença: ressonâncias de Foucault, Deleuze e Derrida[1]

Educación Física en Brasil y el encuentro con la filosofía de la diferencia: resonancias de Foucault, Deleuze y Derrida

Physical Education in Brazil and the encounter with the philosophy of difference: resonances of Foucault, Deleuze and Derrida

[Estudios de reflexión]

Pedro Xavier Russo Bonetto[2]
Rubens Antonio Gurgel Vieir[3]
Clayton César de Oliveira Borges[4]

Recibido: 3 de mayo del 2024
Aceptado: 29 de agosto del 2024

Citar como:

Russo Bonetto, P. X., Gurgel Vieira, R. A., & de Oliveira Borges, C. C. (2025). Educación Física en Brasil y el encuentro con la filosofía de la diferencia: resonancias de Foucault, Deleuze y Derrida. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, *15*(1), 192-210. https://doi.org/10.15332/10622

[1] Artigo de estudos de reflexão, sem financiamento. Grupo de Pesquisa em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo GPEF-USP. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil.
[2] Universidade de Pernambuco (UPE). Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: pedrobonetto@upe.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3194-1423.
[3] Universidade Federal de Lavras (UFLA). Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: rubensgurgel@ufla.br; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9409-9245.
[4] Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: prof.claytonborges@gmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4383-1192.

Resumo

O texto em tela tem a intenção de tracejar uma aproximação entre o campo curricular da Educação Física brasileira e a(s) denominada(s) filosofia(s) da diferença. A fim de alcançar o objetivo elencado, a metodologia consistiu na interlocução conceitual entre as obras de Deleuze, Foucault e Derrida e a produção curricular da Educação Física cultural, buscando explorar novas perspectivas epistemológicas para a prática pedagógica. À vista disso, em um primeiro momento, buscou-se apresentar, concisamente, o pensamento dos filósofos franceses supracitados, considerados destaques do movimento intelectual em pauta, particularmente no que diz respeito à temática da diferença em suas produções intelectuais. Em seguida, o intuito foi indicar algumas potencialidades das pesquisas que se inspiraram pelas filosofias da diferença na Educação Física escolar. Conclui-se que tais encontros abrem a possibilidade de problemáticas totalmente novas em relação ao sujeito, assim como para renovadas perspectivas de ensino do componente.

Palavras-chave: educação física cultural, filosofia(s) da diferença, Foucault, Deleuze, Derrida.

Resumen

El presente texto tiene la intención de trazar una aproximación entre el campo curricular de la Educación Física brasileña y la(s) denominada(s) filosofía(s) de la diferencia. Para alcanzar el objetivo planteado, la metodología consistió en el diálogo conceptual entre las obras de Deleuze, Foucault y Derrida y la producción curricular de la Educación Física cultural, con el objetivo de explorar nuevas perspectivas epistemológicas para la práctica pedagógica. En vista de ello, en un primer momento, se buscó presentar, de manera concisa, el pensamiento de los filósofos franceses antes citados, considerados destacados en el movimiento intelectual en cuestión, particularmente en lo que respecta a la temática de la diferencia en sus producciones intelectuales. A continuación, el objetivo fue señalar algunas potencialidades de las investigaciones inspiradas en las filosofías de la diferencia en la Educación Física escolar. Se concluye que tales encuentros abren la posibilidad de problemáticas totalmente nuevas en relación con el sujeto, así como para perspectivas renovadas de enseñanza del componente**.**

Palabras clave: educación física cultural, filosofía(s) de la diferencia, Foucault, Deleuze, Derrida.

Abstract

The present text aims to outline an approximation between the curricular field of Brazilian Physical Education and the so-called philosophy(ies) of difference. In order to achieve the stated objective, the methodology consisted of conceptual dialogue

between the works of Deleuze, Foucault, and Derrida and the curricular production of cultural Physical Education, aiming to explore new epistemological perspectives for pedagogical practice. In view of this, the first step was to concisely present the thinking of the French philosophers previously mentioned, who are considered prominent figures in the intellectual movement in question, particularly regarding the theme of difference in their intellectual productions. Then, the intention was to highlight some potentialities of the research inspired by the philosophies of difference in school Physical Education. It is concluded that such encounters open the possibility of totally new problems concerning the subject, as well as renewed perspectives on teaching the component.

Keywords: cultural physical education, philosophy(ies) of difference, Foucault, Deleuze, Derrida.

Introdução

Ao longo do século XX e nas décadas iniciais do século XXI, as Ciências Humanas foram impulsionadas pelas rápidas mudanças tecnológicas e pelo notável aumento da velocidade na geração de conhecimento, passando por profundas transformações e dando origem a uma vasta gama de correntes de pensamento. Como resultado desse movimento, áreas adjacentes também foram modificadas, como a Educação e, após certo tempo, a Educação Física.

No Brasil, várias referências teóricas começaram a se aproximar do campo curricular da Educação Física, principalmente após os anos 1980, como resultado da crise de identidade na área (Bracht, 1996) e do seu processo de renovação (Caparroz, 1997; Neira & Nunes, 2009; Silva Machado & Bracht, 2016). Nesse novo contexto, a preocupação com novas concepções, noções e abordagens teóricas resultou num avanço significativo na pesquisa sobre o componente curricular e a necessidade de enfrentar questões contemporâneas em desenvolvimento na sociedade, tais como identidade, cultura, linguagem e corporeidade.

Diante dessas transformações, o objetivo deste trabalho é explorar as possibilidades para o componente curricular em pauta a partir de um "movimento" filosófico chamado "filosofias da diferença", que engloba um conjunto de concepções filosóficas produzidas por pensadores e pensadoras que, em comum, participam ou inspiram a cena filosófica francesa a partir da metade do século XX. Nesse grupo estão incluídos nomes como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Julia Kristeva, Judith Butler, Paul Beatriz Preciado, entre outros/as intelectuais (Peters, 2000).

A nomenclatura se origina da relevância do conceito de "diferença" para esses pensadores e pensadoras dentro de seus próprios sistemas filosóficos. Contudo, é crucial

notar que o termo “campo” pode não ser o mais adequado, pois cada sistema filosófico é singular e extremamente complexo, o que torna inviável concebê-los como uma escola unificada ou mesmo como alianças firmes entre esses intelectuais. Peters (2000) sustenta esse ponto ao explicar que há filosofias da diferença, no plural, para destacar a multiplicidade desses sistemas filosóficos, e, por isso, seria um equívoco considerá-los como um movimento coeso.

Sem entrar em minúcias teóricas que busquem diferenciar essas diversas concepções, interessa-nos especialmente explorar algumas das implicações do pensamento da diferença, isto é, aquele que se fundamenta em singularidades, multiplicidades, imanência e devir. No contexto da pesquisa em Educação Física no Brasil, a influência das filosofias da diferença tem se expandido a partir das teorias pós-críticas, inicialmente nas obras de Neira & Nunes (2006, 2009) — que se consolidam em uma proposta curricular denominada “currículo cultural de Educação Física” —, e também nas investigações subsequentes realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Educação Física da Faculdade de Educação (GPEF) da Universidade de São Paulo.

De fato, é justamente nessas obras que a Educação Física brasileira estabelece, de forma mais sistematizada, uma conexão com as concepções filosóficas de Michel Foucault e Jacques Derrida. Contudo, a incorporação do pensamento foucaultiano no campo da Educação Física, especialmente para refletir e questionar o currículo, é relativamente recente. As primeiras publicações nesse sentido parecem ter surgido a partir das pesquisas de Carmen Lúcia Soares em meados da década de 1990.

Nos últimos anos, a abordagem teórica e analítica de Foucault tem sido empregada para investigar questões diretamente ligadas à Educação Física, como a formação das racionalidades pedagógicas, ou seja, as condições pelas quais, num determinado contexto, certos saberes tornaram-se reconhecidos como verdadeiros nas políticas educacionais do componente curricular. Além disso, essa perspectiva tem sido utilizada para analisar as tecnologias de governamento das condutas dos sujeitos pedagógicos da Educação Física, tanto alunos quanto professores e, consequentemente, os processos de subjetivação que decorrem dessas práticas.

É relevante destacar que, nas pesquisas realizadas no GPEF, uma série de estudos (Alviano Jr., 2011; Gramorelli, 2014; Nunes, 2011, 2016a; Neira & Borges, 2018; Borges, 2019; Borges & Neira, 2020; Oliveira, 2020; Oliveira & Neira, 2019, 2021) sobre o currículo de Educação Física, tanto no ensino fundamental e médio quanto no ensino superior, foi influenciada pelo pensamento de Foucault.

No que diz respeito a Deleuze (e Félix Guattari), encontramos algumas citações esparsas em obras sobre Educação Física que empregam outros referenciais teóricos como base, frequentemente com um enfoque crítico. Por exemplo, há uma referência à subjetividade baseada em Guattari e Rolnik no livro *Transformação didático-*

pedagógica do esporte (Kunz, 2014, p. 113), que é fundamentado na teoria de Jürgen Habermas. O artigo "Homossexualidade: Educação Física e esporte" (Cunha Junior & de Melo, 1996) menciona Deleuze e Guattari apenas para argumentar a favor de uma suposta pós-modernidade. Apesar de uma aproximação filosófica mais detalhada, os primeiros trabalhos do GPEF que citam Deleuze também o fazem de forma superficial, sem estabelecer uma aliança teórica sólida (Neira, 2006; Nunes, 2006).

Nos trabalhos focados nos estudos curriculares da Educação Física, a primeira referência mais significativa ao pensamento de Deleuze e Guattari aparece na obra de Santos (2016), que emprega o conceito de "rizoma" para examinar a tematização de determinados elementos das práticas corporais. No mesmo ano, Bonetto (2016) utiliza Deleuze e Guattari para explorar uma abordagem didática mais aberta, criativa e "artística", que ele denomina "escrita-curricular". Além disso, Nunes (2016b) aborda a diferença no currículo cultural, com foco na diferença cultural, mas também procurando estabelecer um diálogo com as filosofias da diferença. Oliveira Júnior (2017) ainda cita Deleuze & Guattari, mas de maneira pouco adensada em comparação com as primeiras obras mencionadas aqui. Mais recentemente, Gehres & Neira (2019) utilizaram a cartografia para realizar uma esquizoanálise do currículo cultural, o que mostra uma presença mais marcante do pensamento de Deleuze e Guattari. Vieira (2020) aplicou o conceito de "diferença pura" para identificar os movimentos aberrantes (Lapoujade, 2015) nos fundamentos do currículo cultural. Bonetto (2021) empregou um referencial teórico baseado em Foucault e Deleuze para refletir sobre as "esquizoexperimentações" curriculares na Educação Física escolar. Finalmente, Lopes (2024) cartografou os efeitos do currículo cultural nas práticas docentes em uma rede privada, analisando-os sob a perspectiva deleuze-guattariana.

Embora as pesquisas que utilizam Foucault e Deleuze ainda sejam limitadas em nosso campo, os estudos envolvendo Jacques Derrida são ainda mais raros. Inspirados pelo filósofo franco-magrebino, Neira e Nunes (2006, 2009) desenvolveram uma teoria sobre a linguagem que explora as noções de "significação", "texto", "desconstrução" e "diferença". Para os autores, com Derrida, os processos de significação emergem de uma concepção fluida, caracterizada pela indeterminação e pela incerteza, sendo exclusivamente resultado de um processo cultural e social. Além das obras previamente citadas, Nunes (2016b) aborda especificamente as diversas significações do conceito de "diferença", considerando as perspectivas de Jacques Derrida, Ernesto Laclau, Stuart Hall e Michel Foucault.

Como se pode observar, as influências desse quadro no campo pedagógico brasileiro ainda estão bastante dispersas e é difícil avaliar seus efeitos. No entanto, cada vez mais, termos e conceitos derivados dessas filosofias estão sendo incorporados nas pesquisas em Educação Física. Assim, este artigo se propõe a apresentar de forma introdutória os intelectuais mencionados e alguns de seus conceitos, com o objetivo de

ilustrar possíveis movimentos epistemológicos e, quem sabe, inspirar e fomentar novas pesquisas e experiências pedagógicas no campo da Educação Física.

Em termos metodológicos, consideramos que a abordagem tradicional de uma seção metodológica definida, típica da ciência clássica, não se alinha com a proposta filosófica da diferença que estamos explorando. Em vez de seguir um formato convencional, optamos por um método que reflete a própria natureza do pensamento filosófico em questão. Nesse sentido, estabelecemos um processo de diálogo entre obras clássicas dos filósofos franceses Gilles Deleuze, Michel Foucault e Jacques Derrida e a produção curricular da Educação Física cultural. Em vez de aplicar uma abordagem empírica ou experimental padrão, nosso método envolve a análise e a discussão conceitual das contribuições desses pensadores em relação ao campo específico da Educação Física a partir da lente teórica pós-crítica.

O foco foi estabelecer um encontro entre as ideias das filosofias da diferença e a produção apresentada pelo currículo cultural da Educação Física, explorando conceitos como "diferença pura", "poder", "subjetivação" e "desconstrução", e também perscrutando como tais noções podem oferecer novas perspectivas e problemáticas para a compreensão e o desenvolvimento do componente curricular em tela. Em resumo, trata-se de um esforço para integrar e contrastar as produções filosóficas supracitadas com as práticas curriculares, visando não apenas compreender as interações entre essas esferas, mas também identificar novas possibilidades e desafios para o campo da Educação Física.

Michel Foucault e a produção histórica das diferenças

Ao longo de sua trajetória intelectual, Foucault se dedicou a esclarecer e problematizar, através de diversos arquivos históricos, as rupturas e descontinuidades que moldam a constituição da verdade e do sujeito. Em outras palavras, ele empreendeu uma análise das formas históricas que configuram nosso presente. Suas investigações abrangeram múltiplas áreas do conhecimento, a ponto de Paul Veyne (1998) afirmar em "Foucault revoluciona a história" que o trabalho de Foucault pode ser visto como uma história da filosofia e uma filosofia da história.

Além de explorar diversas áreas do conhecimento, o filósofo francês também alterou a direção de suas investigações em várias ocasiões. Não por acaso, em "A arqueologia do saber", o autor declara: "Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral do estado civil, que governa nossos papéis. Ela nos deixa livres quando se trata de escrever" (Foucault, 2008, p. 20). Devido a essas mudanças, geralmente se fala em três domínios ou eixos na obra de Foucault, ou seja, a

perspectiva analítica do pensador é comumente dividida — de forma didática — em arqueologia, genealogia e ética ou genealogia da ética, conforme indicam alguns teóricos (Veiga-Neto, 2003). Em comum, o filósofo francês procura entender de que maneira nos constituímos como sujeitos através de discursos e práticas. Mais especificamente, ele busca construir uma história dos diversos modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. Inicialmente, na arqueologia, Foucault investiga como o sujeito é objetivado pelos saberes das ciências humanas. Em seguida, na genealogia, o foco é o sujeito como produto das relações de poder-saber. Por fim, na genealogia da ética, o sujeito é abordado com uma "autonomia" relativa, capaz de se constituir e transformar-se. Resumidamente, com base nos domínios ou eixos da obra de Foucault mencionados anteriormente, esta seção pretende delinear um percurso geral — de maneira bastante sucinta — sobre o trabalho de Foucault, com foco especificamente nos procedimentos investigativos que permeiam suas produções. As primeiras investigações, correspondentes às publicações da década de 1960, são apresentadas por Foucault como uma arqueologia[5].

Embora não haja uma unidade real nas investigações arqueológicas realizadas ao longo da década de 1960, já que cada estudo apresenta particularidades em relação ao objeto investigado, variações em seus princípios e até mesmo "correções e críticas internas" (Foucault, 2008, p. 18), a arqueologia, de maneira geral, buscou revelar as condições históricas do surgimento das ciências humanas e outros saberes em processo de cientifização no século XIX. O filósofo francês se empenhou em identificar regularidades e descontinuidades em determinados saberes. Em *História da Loucura*, por exemplo, Foucault descreve três grandes experiências históricas da loucura. Ele argumenta que a loucura não foi sempre considerada uma patologia; em vez disso, é uma construção humana, não um objeto natural existente desde sempre à espera de ser compreendido.

Nos estudos de viés arqueológico, Foucault visa, de maneira geral, revelar as regras de formação que, em uma configuração histórica específica, possibilitaram a emergência de um determinado discurso e suas subsequentes transformações. Contudo, o filósofo francês considera que essas análises são incompletas, pois a análise da formação de novos discursos deve incluir não apenas as regras discursivas, mas também outras práticas discursivas e não discursivas que influenciam esses discursos. Assim, a partir da década de 1970, o filósofo inicia suas investigações propriamente genealógicas, que resultaram em diversos cursos e obras.

Na genealogia, o foco na constituição do saber e suas transformações se desloca para a análise do poder e suas interações com o saber. Foucault argumenta que aquilo

5 As obras são *História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969).

que é conhecido ou considerado uma verdade supostamente neutra é, na realidade, um efeito da vontade de verdade manifestada na articulação entre técnicas de poder e estratégias de saber. É crucial notar que a concepção de poder em Foucault difere da ideia de um poder localizável, como na visão marxista, que entende o poder como algo que opera exclusivamente através dos aparatos estatais. Foucault (2005) observa que o poder está presente em todas as relações entre sujeitos e funciona como um poder microfísico, disperso por todo o corpo social.

Possivelmente a obra mais conhecida dessa fase genealógica é *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Nesse trabalho, Foucault (1999) novamente aborda as descontinuidades ao discutir o surgimento da sociedade disciplinar, que emerge na transição entre os séculos XVII e XVIII. O filósofo explica que, até o século XVII, as punições para criminosos baseavam-se em suplícios públicos e violentos, um espetáculo no qual o condenado era desmembrado em praça pública. Essa era uma sociedade de soberania, caracterizada por um poder soberano de um monarca que decidia quem vivia e quem morria.

No século XVIII, os espetáculos de tortura são substituídos por uma nova forma de punição: a prisão. A sociedade deixa de ser de soberania e começa a adotar a forma de Estado-nação. Em vez do poder soberano, surge um poder disciplinar fundamentado na racionalidade estatal. O sistema penal muda de uma perspectiva de vingança para uma perspectiva de defesa da sociedade burguesa. A prisão não apenas afeta o corpo do condenado, mas também sua "alma", visando transformar seu comportamento (Foucault, 1999). A disciplina então fabrica "corpos dóceis e úteis", como expressado por Foucault. Para exercer essa disciplina, é necessário que os indivíduos estejam dispostos em um espaço organizado, ou seja, em uma grade onde possam ser vigiados, examinados e, se necessário, punidos.

Neste ponto, talvez seja relevante fazer duas pequenas observações: geralmente, tendemos a conceber o poder como algo negativo, que reprime e proíbe. No entanto, para Foucault, o poder é isso, mas também é uma instância produtiva; ou seja, o poder não só reprime, mas também produz conhecimento, assim como o conhecimento gera novas relações de poder. Portanto, conhecimento e poder estão intimamente interligados na teoria de Foucault. Além disso, outro aspecto crucial da teorização foucaultiana é que onde há poder, há resistência. Para Foucault, a resistência é o outro lado das relações de poder; assim, resistência e poder são inseparáveis e coexistem na mesma dinâmica (Foucault, 1999).

Além da arqueologia e da genealogia, há outro domínio nos estudos de Foucault, conhecido como ética, genealogia da ética ou arqueogenealogia. Nessas investigações, Foucault foca na questão da subjetividade, ou seja, na forma em que nos constituímos como sujeitos. Na perspectiva foucaultiana, o sujeito não é um universal preexistente;

ao contrário, o sujeito é fabricado, construído e produzido. Para isso, existem técnicas que Foucault denomina "técnicas ou tecnologias de si mesmo" (Foucault, 2004).

A Educação Física, por exemplo, pode ser vista como uma dessas ferramentas para a constituição de subjetividades. Na última fase de seu pensamento, Foucault (2006, 2010) explora uma série de textos da Antiguidade greco-romana e se concentra principalmente no conceito de "cuidado de si". O cuidado de si é entendido como uma forma de trabalho ético que o sujeito realiza sobre si mesmo, também conhecido como "arte de viver". Esse cuidado é exercido por meio de diversas práticas e técnicas, como anotações em cadernos, meditações, atenção à dieta, à sexualidade e ao corpo.

À primeira vista, poderia parecer que, se o cuidado de si se refere ao corpo e à dieta, então a Educação Física, como tradicionalmente concebida, exerceria esse tipo de cuidado de si enfatizado por Foucault. No entanto, Foucault (2006, 2010) distingue claramente entre essas práticas e as práticas contemporâneas. Segundo o autor, as práticas modernas são frequentemente baseadas em um tipo de narcisismo e individualismo que busca a valorização do "eu mesmo". Esse cuidado de si individualista seria, para Foucault, uma mera reafirmação da lógica neoliberal da sociedade atual. Em contraste, o cuidado de si na Antiguidade greco-romana não era apenas um ato individualista, mas também envolvia um cuidado pelo outro, integrando a preocupação com a coletividade.

É importante destacar que Foucault não utiliza o modo de vida dos antigos como um modelo para ser replicado na atualidade, mas sim para indicar que outros modos de vida são possíveis. As práticas de cuidado de si examinadas pelo filósofo tinham uma dimensão ética, distinta de uma moral que impõe um conjunto de regras e leis preestabelecidas a serem seguidas por todos. A ética, na visão de Foucault, não é regida por uma lei geral, mas por um processo em que o próprio sujeito busca a melhor maneira de viver para si mesmo (Foucault, 2017). Agir eticamente, portanto, significa agir com base na própria reflexão e com moderação em relação aos eventos, sejam eles positivos ou negativos. Essa análise abrange as problemáticas associadas ao conhecimento, ao governo dos comportamentos e aos processos de subjetivação, referindo-se à produção histórica das diferenças.

Gilles Deleuze e a diferença pura

A obra de Deleuze (2018) sobre Nietzsche foi um dos momentos inaugurais da filosofia da diferença contemporânea na França. Todavia, o filósofo não se limitou aos textos de Nietzsche, mas também realizou importantes estudos sobre Hume, Kant,

Bergson, Espinosa, Foucault, entre outros. Em cada um desses projetos, destaca-se o jogo de produção da diferença em oposição a uma dialética hegeliana.

Para Deleuze, o conceito de diferença é fundamentalmente distinto da maneira como a diferença é tradicionalmente abordada na filosofia ocidental. Em vez de ser compreendida em termos de oposições ou relações dialéticas, a diferença é vista como um elemento criativo e produtivo, que não depende de uma identidade preexistente ou de uma relação de oposição.

Regina Schöpke, em sua obra *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade* (2012), oferece uma genealogia conceitual da diferença e mostra como Deleuze reformulou a ideia de diferença não apenas como uma variação ou uma modificação em relação a algo fixo, mas como uma força autônoma e criativa que molda a realidade e o pensamento.

O argumento da autora começa com a afirmação de Heráclito sobre a renovação eterna do devir universal, o movimento interminável das coisas no tempo, culminando na proposição de que o próprio ser se torna movimento e puro devir. Em contraste com tal pensamento filosófico, Parmênides, defende uma filosofia que aponta os nossos sentidos como geradores da ilusão do movimento, defendendo assim a essência do ser. Isso faz sentido, uma vez que esse outro pensador grego clássico é célebre por sua defesa da identidade.

A ideia deleuziana de diferença é geofilosoficamente próxima de Heráclito na medida em que não se refere a algo que possa ser capturado na materialidade do corpo, mas na virtualidade de seu devir. Novamente com Schöpke (2012), podemos entender Deleuze como um pensador nômade, que prioriza as relações em detrimento dos termos, com produções que apontam para o "entre" ou interstício. Os nômades, em oposição aos sedentários, são aqueles que buscam a imanência, não a transcendência metafísica, o que implica uma ruptura com a representação filosófica clássica para liberar a atividade intelectual de sua função de mero reconhecimento, convertendo o pensamento em uma potência de criação.

Para Gallo (2015, p. 189), o que está em jogo:

> [...] é a luta entre dois projetos filosóficos muito antigos: pensar o mundo como identidade (registro da representação), projeto que se tornou hegemônico no Ocidente; ou pensar o mundo como diferença (registro da multiplicidade), projeto que foi marginalizado. Ao abordar o problema do ser em toda a sua obra filosófica (quase uma "ontologia") sob a perspectiva do devir, Deleuze coloca a questão da diferença no centro de seu pensamento. A diferença pura é o que caracteriza a univocidade do ser, não compreendida aqui como o ente moderno, mas sim

> afirmando uma única voz para uma multiplicidade de seres. [...] a noção de diferença, que será pensada em si mesma e não como diferença numérica ou específica.

De outra forma, será pensada em sua forma pura e sem se submeter aos laços mediadores da representação, que tendem a submeter à diversidade dos seres a identidade plena de um conceito geral e abstrato (Schöpke, 2012, p. 16). Isso difere do *Uno* espinosista, pois não há um único ser que seria Deus, mas sim múltiplos seres que afirmam suas diferenças/multiplicidade. Para reforçar esse argumento, trazemos Michael Peters quando afirma que Deleuze se concentra na ideia de diferença como um elemento característico que permite substituir a filosofia de Hegel pelos martelos de Nietzsche, priorizando os "jogos da vontade de poder" em vez do "trabalho da dialética" (Peters, 2000, p. 32).

Dessa maneira, conceitos como a "vontade de poder" e o "eterno retorno" de Nietzsche ganham muita força na obra deleuziana, precisamente devido ao potencial criativo e resistente à racionalidade científica da modernidade. Nesse sentido, o modo de operação de Deleuze poderia ser melhor chamado de "procedimento", não se trata de uma metodologia, devido à ênfase contra a identidade e a representação (Machado, 2009).

Em seu procedimento, Deleuze aventurou-se por "roubos" filosóficos na criação de diferentes versões de filósofos clássicos, em discussões sobre cinema, artes, literatura, entre outros. O resultado dessa busca pela diferença se traduziu em textos que elegem o pensamento sem imagem como alvo e refutam a representação, caracterizando-o como um pensador das singularidades e, talvez mais do que qualquer outro, um intelectual que buscou diferenciar o pensamento do puro ato de reconhecimento, uma vez que pensar é produzir o novo, enquanto conhecer (ou reconhecer) seria assumir o que já foi pensado previamente por outros. Portanto, há uma distinção entre o pensamento (produção do novo) e a razão instrumental (reconhecimento) — e a diferença só pode ser produto do primeiro.

Esse movimento do pensamento que privilegia a diferença cria possibilidades que favorecem a multiplicidade de significados. De outra forma, as demandas da representação aprisionam qualquer diferença no domínio da generalidade, que por sua vez exclui qualquer aspecto que se afaste da ordem estabelecida. Nesse processo, a diferença se torna inimiga do ato de pensar, sendo a razão instituída a juíza dos valores definidos e o conhecimento se torna apenas reconhecimento. Reconhecer, embora seja uma potencialidade do pensamento e uma das faculdades importantes da cognição, não pode satisfazer todos os anseios do corpo, que clama por criação, por novas composições.

Para Deleuze (2006), a potência máxima do pensamento é o ato criativo que irrompe na identidade, abrangendo mundos criados por imagens dogmáticas. Este é o

maior projeto deleuziano, em certa medida herdeiro de Nietzsche: lutar contra a imagem do pensamento que traz consigo as correntes da moralidade. Para tanto, direciona suas armas conceituais contra qualquer ideia de verdade absoluta.

Pensar, a partir de Deleuze, deve ser ansiado como um momento de imensa força que abre caminhos entre as barricadas racionais, rompendo espaço para o não pensado, um acontecimento que resulta na criação do que não existia previamente. Dessa maneira, o novo não está no espectro dos valores criados por outros, mas trata-se de algo único, unívoco e múltiplo ao mesmo tempo. Dessa maneira, o novo pode ser compreendido como algo seletivo, incomum (sem arrogância), selecionado pela vontade de poder. Aqui está a pista para minar o projeto platônico da identidade. O novo é algo extremamente importante na reversão da filosofia representacional, como Nietzsche e Deleuze nos apontaram, mas isso não significa que seja uma tarefa simples; afinal, reconhecer é muito mais fácil do que criar. Quem nos ajuda a entender a dificuldade de escapar dessa armadilha é Regina Schöpke (2012, p. 34):

> Um objeto singular é, estritamente falando, um objeto único e insubstituível. Nesse sentido, todos os seres são singulares. Mas, no que diz respeito às leis da natureza, todos os objetos participam de "leis menores" de organização (como aquelas que regem gêneros e espécies). Nesse ponto, cada ser é um objeto particular. O reino das generalidades é aquele que engloba todos os seres, tanto em relação aos seus termos, pois eles são equivalentes.

Considerar a repetição como parte da ordem da diferença é dizer que, embora possa parecer aos olhos da generalidade a mesma essência, o que sempre vem é algo novo. Por exemplo, podemos ver cada partida de futebol como a mesma coisa, se prestarmos atenção às regras, técnicas usadas, resultados. A variação é pequena, um dia um time vence, outro dia outro, outro dia empatam, mas a ordem é a mesma. Do ponto de vista da repetição, cada momento dentro de um jogo é profundamente diferente do seguinte, dentro do mesmo jogo, talvez em outros jogos. Há repetição, mas o que se repete é a diferença. Dessa forma, em Deleuze, o conceito de repetição sempre trata da diferença pura.

O campo das singularidades, por sua vez, não remete à filosofia da consciência nem ao caos absoluto, ao relativismo ou à indeterminação absoluta, mas exatamente ao que se apresenta no "entre", aquele espaço de movimento das forças que criam a existência, o que Nietzsche chama de "mundo dionisíaco" ou "vontade de poder", e que Deleuze denomina "fluxo de energia" (Machado, 2009).

Jacques Derrida e a différance do texto

De maneira bastante introdutória, podemos mencionar a filosofia de Jacques Derrida como uma das principais referências do movimento teórico-crítico denominado "desconstrução" (ou "desconstrucionismo"), pois representa uma ruptura significativa no pensamento metafísico ocidental, considerado logocêntrico e dominante. Segundo Pedroso Júnior (2010), ao levantar questionamentos, deslocamentos e reconfigurações de conceitos que eram considerados canônicos, Derrida provocou uma sacudida na hegemonia dos discursos (especialmente na literatura e filosofia), uma vez que qualquer discurso em busca da verdade era colocado em xeque.

Diante disso, não nos surpreenderá que a desconstrução, ao questionar incansavelmente os diferentes discursos que pretende desmontar, opere frequentemente no terreno da ambivalência, dualidade e ambiguidade, pois não se submeterá ao reducionismo das oposições binárias com as quais a metafísica ocidental está acostumada a operar, especialmente se considerarmos que será comum nos trabalhos desconstrucionistas empreendidos por Jacques Derrida e seus seguidores o uso de termos como "nem um... nem outro", "ao mesmo tempo", "de um lado... de outro...", longe de serem sinônimos de indecisão e/ou imprecisão, o que ressalta o uso desses termos é a necessidade de considerar as oposições dialéticas em uma oposição horizontal e paritária, não em escalas hierárquicas, como fazia a metafísica (Pedroso Júnior, 2010, p. 11).

Um dos maiores alvos de Derrida é a metafísica. Para o filósofo, a tradição ocidental tem o hábito de posicionar as coisas com base em uma dicotomia dualista, que promove a ideia de um significado que ele chama de "transcendental", aquele que existe por si só, independentemente do sistema conceitual ou linguístico. Assim, para Derrida, é necessário estar atento a qualquer suposta presença de um sentido original, auto-idêntico, preexistente à condição de ser referido por uma palavra ou um "significante".

No entanto, com Derrida, trata-se de inverter a hierarquia conceitual metafísica, prestando atenção especial a tudo o que está em uma posição subordinada e, ao mesmo tempo, deslocar o termo de uma oposição conceitual marginal para o centro. Ao propor um movimento chamado de "duplo viés", essa filosofia não opera com a noção de escolha entre "um ou outro", mas sim com a concomitância ou simultaneidade. Nessa perspectiva, uma vez dissipada a ilusão da presença prévia e soberana do significado, o que emerge é a cadeia referencial de significantes, ou seja, a escrita. E é por isso que a desconstrução do "conceito" de linguagem implica necessariamente a desconstrução do signo. Derrida mostra que a teoria da diferença em Saussure — na língua, existem apenas diferenças: o signo carece de conteúdo, ou seja, só existe como signo porque se diferencia de outros signos contíguos no interior de um paradigma — contém em si mesma uma vigorosa crítica ao logocentrismo ou à metafísica da presença. Assim, o

signo é sempre o suplemento de si mesmo. Seguindo essa linha, abandona o termo "significante" e começa a usar o termo "traço", ilustrando assim que não há um significado transcendente, muito menos um significante, pois este só é garantido a partir do lugar que ocupa em uma cadeia de diferenças. Sobre o conceito de diferença em Derrida, a *différance* é um movimento ou jogo da escrita em relação ao traço. Nas palavras de Derrida, "não há experiência de uma presença pura, mas apenas correntes de marcas diferenciais" (Derrida, 1991, p. 318).

Em resumo, é possível descrever a filosofia de Derrida como um golpe na tradição metafísica ocidental, caracterizada pelo signo binário, monossêmico, fechado e imutável, assim como os modelos de linguagem estruturalistas que postulam relações fixas entre signos-significantes e significados. Com Derrida, o texto deve ser lido considerando certo contexto e por meio das correlações que estabelecem com outros textos e significantes anteriores, resultando de interpretações subjetivas, condicionadas historicamente, cujo sentido é sempre provisório.

Implicações no currículo de Educação Física

Peters (2000) afirma que Nietzsche foi uma grande influência em autores como Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros, de modo que as filosofias da diferença podem ser vistas como respostas filosóficas às pretensões científicas das ciências humanas do século XX, sobretudo após o "combustível" nietzschiano que, em suas obras, questiona os pressupostos da racionalidade humana, essências verdadeiras e qualquer moral estabelecida sobre tais conceitos.

Diante disso, os filósofos da diferença entendem o significado de maneira não essencial, como construção permanente, altamente dependente do contexto, imersa em relações de poder, uma postura altamente questionadora de qualquer universalidade. O resultado comum é que os três filósofos de que aqui se trata apresentam forte oposição aos discursos totalizantes, àqueles que se estabelecem eliminando as diferenças nas relações de poder, por meio do estabelecimento das identidades das coisas.

A centralidade do conceito de diferença, mesmo em sistemas filosóficos distintos, levanta problemáticas completamente novas para as questões filosóficas clássicas. Mais uma vez adotando o tom geral das obras, embora isso não caracterize uma unidade, autores como Deleuze, Foucault e Derrida provocam (cada um a seu modo) implicações importantes para o campo da Educação e, consequentemente, para a Educação Física. Concentrando-nos apenas em duas dessas abordagens, destacamos que o conceito de diferença abre espaço para: a) problemáticas do sujeito completamente novas; b) novas concepções do conhecimento; que, por sua vez, têm um impacto direto

nas visões curriculares e inspiram práticas pedagógicas com diferenciações significativas.

Quanto ao primeiro efeito mencionado, é possível argumentar, segundo Peters (2000), que a(s) filosofia(s) da(s) diferença(s) não destituiu o sujeito filosófico, mas o reposicionou ao descentrá-lo e, ao adotar um rigor diferente, o fez em toda a sua complexidade histórica e cultural. As experiências com a perspectiva pós-crítica da Educação Física parecem estar alinhadas a essa premissa ao demonstrar certa desconfiança em anunciar a produção de um tipo de subjetividade totalizante, estável, coerente e duradoura. Isso ocorre porque, dessa perspectiva curricular, considera-se que qualquer prática de subjetivação é uma produção complexa, contextual, provisória e que não pode ser medida com precisão. Isso não significa que as práticas pedagógicas não busquem certos traços subjetivos (Bonetto, 2021), nem que tenham uma intencionalidade articulada com contextos macropolíticos (Vieira, 2022); o ponto é questionar o sujeito da educação moderna e reconhecer o ato de ensinar como uma das forças ativas no processo educacional, e não entendê-lo como uma relação de causa e efeito controlável, como faziam as ciências positivistas.

Podemos mencionar, a propósito, mais alguns exemplos de experimentos teóricos que questionaram as perspectivas tradicionais do sujeito a partir da conexão da Educação Física com as Filosofias da Diferença: Borges (2019), em um profundo estudo sobre as subjetividades do currículo cultural, enfrentou questões de governo, verdade e subjetividade. Para o autor, a partir dessa concepção, duas tecnologias pedagógicas do eu são produzidas. Como estratégias de governo de condutas, essas duas qualidades se entrelaçam, gerando o que ele chamou de “subjetividades democráticas” e “subjetividades multiculturais”; Duarte (2021), em uma pesquisa de campo na Educação Infantil, observa que a Educação Física pós-crítica compromete-se com a criação de subjetividades solidárias, democráticas, multiculturais, não machistas, não fascistas, não racistas e não autoritárias; na mesma linha, Bonetto & Vieira (2021) afirmam que o currículo pós-crítico pode ser uma alternativa para potencializar subjetividades não fascistas, pois não apenas reconhece, mas também promove e afirma diferentes modos de existência e processos de singularização das subjetividades.

Em relação à segunda implicação, sobre a natureza filosófica do conhecimento a partir das filosofias da diferença, juntamente com o descentramento do sujeito autônomo racional da filosofia liberal, agora compreendido como construído entre forças desejantes e socioculturais, o conhecimento também deixa de ser uma realidade no sentido mais sólido, um reflexo de uma verdade pronta para ser descoberta, passando a ser algo construído em relações de forças sempre contextuais, contingentes, históricas e imanentes (Vieira & Bonetto, 2021). Como resultado, o que entendemos por conhecimento trata-se de discursividades que se originam em jogos de produção da verdade (ou regimes de veridicção, como afirmava Foucault).

Retomando a discussão deleuziana sobre a diferença pura, percebe-se que não há nenhuma essencialidade, seja no conhecimento, no sujeito, no corpo, na linguagem... e no currículo! Aqui está nosso lema para nos conectarmos com a Educação e, de maneira contínua, com a Educação Física.

De acordo com Silva (2011), o currículo pode ser visto como um território de disputa no qual diversos grupos atuam para validar certos conhecimentos. Ao promover o contato com determinados textos culturais, o currículo, além de viabilizar o acesso a uma compreensão gradual dos conhecimentos veiculados, influencia as formas de interpretar o mundo, interagir e comunicar ideias e sentimentos, resumidamente, de representar. Nessa concepção, a compreensão da escola como um espaço onde a luta pela validação de significados culturais ocorre constantemente por meio do confronto entre a cultura escolar e a cultura popular, entre o conhecimento erudito e o senso comum, entre o verdadeiro e o falso.

Em Neira e Nunes (2006), o conhecimento visto pelas teorias pós-críticas de currículo não está fora do poder, mas é inerente. Com ênfase na linguagem e nos processos de significação, as teorias pós-críticas não necessitam da referência de um conhecimento verdadeiro, baseado em uma suposta "realidade". O que fazem, então, é tematizar e problematizar as práticas corporais submetendo à crítica o conhecimento socialmente construído do currículo.

Baseando-se em Neira e Nunes (2009), a Educação Física pós-crítica, ao se fundamentar nas filosofias da diferença, enfatiza a inovação e a criação de novas ideias, desafia as estéticas tradicionais, evita métodos rígidos e infalíveis, e se desvia de planos previsíveis e tecnocráticos. Ela promove a descentralização do poder acadêmico do professor e abre espaço para o conhecimento de diversos campos discursivos. Em sintonia com isso, Bonetto (2021) observa que as abordagens da Educação Física inspiradas pelas filosofias da diferença incentivam um tipo de conhecimento que é tematizado e problematizado, destacando-se por não se restringir à transmissão de pensamentos representacionais e valorizando a criatividade, a novidade e a diferença.

Finalmente, consideramos que tais aberturas derivadas das filosofias da diferença têm provocado alguns efeitos na Educação Física ao pensar em práticas pedagógicas que não obstruam a criação de novos modos de vida. Potencializar a diferença é potencializar essas diversas formas de pensar, criar, atribuir sentido e, consequentemente, de existir.

Agradecimento

Artigo de estudos de reflexão, sem financiamento. Grupo de Pesquisa em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-USP). Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Referências

Alviano Júnior, W. (2011). *Formação inicial em Educação Física: análises de uma construção curricular* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04082011-134313/pt-br.php

BONETTO, P. X. R. (2016) A "escrita-currículo" da perspectiva cultural de Educação Física: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula. 2016. 238f. Dissertação (dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo. https://www.gpef.fe.usp.br/teses/bonetto_02.pdf

Bonetto, P. X. R. (2021). *Esquizo-experimentações com o currículo cultural de Educação Física* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-14122021-163620/en.php

Bonetto, P. X. R., & Vieira, R. A. G. (2021). Aleturgia do currículo cultural na Educação Física: experiências pedagógicas potencializadoras de subjetividades não-fascistas. *Conexões, 19*. https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8660658

Borges, C. C. de O. (2019). *Governo, verdade, subjetividade: uma análise do currículo cultural da Educação Física* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112019-165709/pt-br.php

Borges, C. C. de O., & Neira, M. G. (2020). Gesto arquivístico e atitude crítica como leitmotiv analítico nas pesquisas educacionais. *Revista Brasileira de Educação, 25*. https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250058

Bracht, V. (1996). Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, *2*, 23-28. https://www.revistas.usp.br/rpef/article/download/139640/134934

Caparroz, F. E. (1997). *Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola.* CEFD/UFES.

Cunha Junior, C. F. da, & de Melo, V. A. (1996). Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. *Movimento*, *3*(5), 18-24. https://doi.org/10.22456/1982-8918.2229

Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. 2. ed. Graal.

Deleuze, G. (2018). *Nietzsche e a filosofia.* n-1 edições.

Derrida, J. (1991). *Margens da Filosofia.* Papirus.

Duarte, L. de C. (2021). *Educação Física cultural na Educação Infantil:* imagensnarrativas *produzidas com professoras e crianças nos/dos/com os cotidianos de uma EMEI Paulistana* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48140/tde-24062021-193619/pt-br.php

Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir*: o nascimento da prisão. 20. ed. Vozes.

Foucault, M. (2004). Tecnologias de si, 1982. *Verve*, 6, pp. 321-360.

Foucault, M. (2005). Aula de 7 de janeiro de 1976. In: M. Foucault. *Em defesa da sociedade:* curso no *Collège de France* (1975-1976). Martins Fontes, pp. 3-26.

Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito.* 2. ed. Martins Fontes.

Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. 7. ed. Forense Universitária.

Foucault, M. (2010). *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983).* Martins Fontes.

Foucault, M. (2017). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 5. ed. Paz e Terra.

Gallo, S. D. de O. (2015). Diferenças, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: A. Rodrigues, C. Dallapicula & S. R. da Ferreira. *Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação.* EDUFES.

Gehres, A. F., & Neira, M. G. (2019). Exercícios cartográficos com o currículo cultural da Educação Física no Brasil: uma pesquisa intervenção. *CIAIQ2019*, *1*, 691-698.

Gramorelli, L. C. (2014). *A cultura corporal nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: novas paisagens para um novo tempo* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-095858/ptbr.php

Kunz, E. (2014). *Transformação didático-pedagógico do esporte.* 8. ed. Editora Unijuí.

Lapoujade, D. (2015). *Deleuze, os movimentos aberrantes.* n-1 edições.

Lopes, J. P. G. (2024). Currículo cultural da Educação Física: cartografias dos efeitos na prática docente a partir da filosofia da diferença (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Machado, R. (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Zahar.

Neira, M. G., & Borges, C. C. D. O. (2018). Esquadrinhar e Governar: análise das recomendações do CONFEF para a Educação Física escolar. *Educação & Realidade*, *43*(2), 571-590. https://doi.org/10.1590/2175-623664150

Neira, M. G. & Nunes, M. L. F. (2006). *Pedagogia da cultura corporal.* Phorte.

Neira, M. G. & Nunes, M. L. F. (2009). *Educação Física, Currículo e Cultura.* Phorte.

Nunes, M. L. F. (2011). *Frankenstein, monstros e o Ben 10: fragmentos da formação inicial em Educação Física* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Nunes, M. L. F. (2016a). *A arte do egresso de Educação Física na sociedade globalizada* (relatório de pesquisa de pós-doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Nunes, M. L. F. (2016b). Afinal, o que queremos dizer com a expressão "diferença"? In: M. G. Neira & M. L. F. Nunes (Orgs.) *Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s). 13*. CRV.

Oliveira, G. N. B. de (2020). *A trama de um dispositivo curricular no território da formação em Educação Física: um encontro-acoplamento, uma fratura, esboços de si* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30092020-174245/pt-br.php

Oliveira, G. N. B. de, & Neira, M. G. (2019). Contribuições foucaultianas para o debate curricular da Educação Física. *Educação em Revista*, 35, e198117. https://doi.org/10.1590/0102-4698198177

Oliveira, G. N. B. de, & Neira, M. G. (2021). O movimento de um ethos profissional num currículo de formação em Educação Física. *Revista Práxis Educacional*, *17*(46), 420-440. https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8667

Oliveira Júnior, J. L. (2017). *Significações sobre o currículo cultural da Educação Física: cenas de uma escola municipal paulistana* (dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. https://www.gpef.fe.usp.br/teses/jorge_05.pdf

Peters, M. (2000). *Pós-Estruturalismo e filosofia da diferença.* Autêntica.

Pedroso Junior, N. C. (2010). Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. *Encontros de Vista*, *5*(1), 48-59. https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4411

SANTOS, I. L. (2016) A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física. 301 f. (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2016. https://www.gpef.fe.usp.br/teses/ivan_01.pdf

Schöpke, R. (2012). *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, pensador nômade.* Contraponto.

Silva, T. T. (2011). *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.* Autêntica.

Silva Machado, T. da, & Bracht, V. (2016). O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da "teoria do reconhecimento" de Axel Honneth. *Movimento*, *22*(3), 849-860. https://doi.org/10.22456/1982-8918.60228

Veyne, P. (1998). *Como se escreve a história*. *Foucault Revoluciona a História.* Editora UnB.

Veiga-Neto, A. (2003). *Foucault & a Educação*. Autêntica.

Vieira, R. A. G. (2020). *Conceitos em torno de uma Educação Física menor: potencialidades do currículo cultural para esquizoaprender como política cognitiva* (tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1128733

Vieira, R. A. G. (2022). *Educação Física Menor*. Paco Editorial.

Vieira, R. A. G., & Bonetto, P. X. R. (2021). Educação Física Escolar na área de Linguagens: virtualidades deleuze-guattarianas. In: D. T. Maldonado, U. S. Farias & V. A. Nogueira. *Linguagens na Educação Física Escolar: diferentes formas de ler o mundo.* CRV.